

BREVES NOTAS

sobre música

Gonçalo M. Tavares



RELÓGIO D'ÁGUA

breves notas sobre música

Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
fax: 218 470 775
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

Título: breves notas sobre música
Autor: Gonçalo M. Tavares
Capa e Ilustrações: Rachel Caiano
Revisão de texto: Anabela Prates Carvalho

© Relógio D'Água Editores, Novembro de 2015

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-500-6

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Europress, Lda.
Depósito Legal n.º: 401262/15



Gonçalo M. Tavares

breves notas sobre música

Ilustrações de
Rachel Caiano



Enciclopédia



Provadores

Pensar em provadores de música semelhantes aos provadores de vinho. Provam com a orelha: trinta segundos de som e rapidamente percebem o essencial.

Sete orquestras em sete salas diferentes, salas fechadas. O provador de sons abre, uma após outra, cada uma das portas e inclina o seu sistema auditivo na direcção do som durante trinta segundos. Durante trinta segundos de vida nada existe senão trinta segundos de música. Ou seja, não são trinta segundos de vida, são trinta segundos de música. Já está. O provador segue para a sala seguinte. No fim, diz: escolho aquela sala, aquela música.

O melómano-fisionomista

Pelo rosto de quem ouve tentar perceber a música.

Imaginemos um homem, um melómano-fisionomista, que está com os ouvidos tapados e não tem qualquer informação sobre o programa do concerto. Está até de costas para a orquestra, virado para os outros espectadores.

O melómano-fisionomista tenta concentrar-se no rosto dos espectadores do concerto. Na forma como um ou outro elemento do público franze as sobrancelhas e no modo até como um ou outro tamborila no seu próprio joelho, de forma subtil, com os dedos da mão direita.

Porém, acima de tudo, ele fixa-se nos rostos de quem ouve o que ele não está a ouvir. E, sim, um grande especialista em música e na natureza humana poderá dizer com acerto, pela observação da fisionomia dos ouvintes: Mozart!, Bach, Chopin. E talvez até isto: Silêncio.

O ouvinte-geómetra

Que fazemos quando ao nosso ouvido chega música informe, com melodias que nos tornam tontos, que nos desequilibram, que nos fazem cair, que nos fazem pedir uma cadeira para nos sentarmos? Eis o que fazemos: desistimos e dizemos: não é música, é ruído. Ou então tentamos dar forma a esse informe/disforme. Tentamos fazer quadrados no que é caótico, fazer triângulos, retângulos e circunferências no que parece ter mais lados do que mil.

Eis o ouvido atento: é, além de tudo o mais, um ouvido-geómetra. Um ouvido que tenta organizar os sons em formas. (Passar de uma modalidade do tempo para uma modalidade do espaço.)

O ruído é, então, aquilo para o qual o ouvinte-geómetra ainda não encontrou o lápis capaz de fazer traços decisivos. Traços que definem interior e exterior, lado direito e esquerdo, baixo e alto. Traços que organizam.

Porque o ouvinte-geómetra faz isto: desenha por cima dos sons; desenha com o ouvido, acto tão estranho; desenha com a sua atenção, com a sua audição meticulosa, desenha separando, organizando — aproximando um som louco de outros sons que o podem ajudar a compreender.